

COMO OUSAMOS SER MAÇONS: TRAZENDO RAZÃO A UM MUNDO POLARIZADO

Christopher L. Hodapp

Conferência Brasileira de Estudos de Maçonaria

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2026.

Tradução: *Kenny Ismail*

Sereníssimos Grão-Mestres, Grandes Vigilantes, Past Masters, Veneráveis Mestres e demais Irmãos:

Obrigado a todos pela recepção calorosa.

Trago as mais profundas saudações fraternas do Muito Respeitável Irmão John Bridegroom, Grão-Mestre da Grande Loja dos Maçons Livres e Aceitos de Indiana, e dos meus Irmãos da Loja Broad Ripple nº 643 e da Loja Vitruvian nº 767, em minha cidade natal, Indianápolis.

Para quem não conhece a geografia dos Estados Unidos, Indianápolis fica quase no centro do país, logo abaixo de Chicago.

Se você pegar a estrada principal e seguir para o oeste até Lima, Peru, depois virar à direita por cerca de 5.800 quilômetros, não tem erro!

Para ser honesto, fiquei surpreso quando o Irmão Kenny Ismail me convidou para essa conferência.

Especialmente quando explicou que se tratava de um encontro intelectual de estudiosos maçônicos sérios.

Afinal, **eu escrevo livros para Leigos**.

Já escrevi cinco deles até agora. O que aparentemente significa que minha editora acha que sou burro o suficiente para continuar fazendo isso.

Quando o “Maçonaria para Leigos” apareceu pela primeira vez em 2006, vários maçons americanos mais velhos se sentiram insultados pelo título.

Alguns de vocês talvez se lembrem do Irmão Thomas Jackson, Grande Secretário da Pensilvânia por muito tempo e figura familiar na Maçonaria internacional.

Acredito que ele falou em conferências no Brasil há alguns anos.

Tom recomendou o livro com entusiasmo — mas aconselhou os maçons a arrancarem a capa para que ninguém os visse lendo algo sobre Maçonaria com a palavra “Leigos” no título.

Vinte anos depois, tornou-se um dos livros populares mais vendidos do mundo sobre a Maçonaria e já foi publicado em sete idiomas.

E quero agradecer especialmente ao Irmão Kenny Ismail, que traduziu a edição em português brasileiro.

O que significa que, se você achar algo errado no livro, finalmente encontrei outra pessoa para culpar!

O conselho de Tom Jackson sobre remover a capa pode ter sido mais sábio do que eu imaginava.

Muitos anos atrás, após o surgimento da edição em francês, um funcionário público muito importante de uma nação africana francófona foi fotografado a bordo de um avião lendo *La Franc-Maçonnerie pour les Nuls* — a edição francesa do meu livro.

No dia seguinte, essa fotografia apareceu na imprensa.

E, de repente, surgiram acusações de que seu governo foi secretamente infiltrado por maçons.

Houve uma comoção pública e houve breves conversas sobre um golpe do governo para expulsar todos os maçons.

Tudo porque esse cavalheiro foi fotografado lendo meu livro.

Sempre tive esperança de que um dia minha escrita pudesse mudar o mundo.

Eu só imaginava que isso aconteceria de forma diferente de colocar em risco um governo africano.

Então talvez Tom Jackson estava certo.

Talvez o homem devesse ter arrancado a capa fora.

Vinte anos atrás, eu achava essa história engraçada, mas não acho mais, porque vivemos em uma era cada vez mais moldada por suspeita.

Por solidão, conspiração, desconfiança, polarização política e social.

Temos habilidades extraordinárias de nos comunicar instantaneamente com quase todo mundo na Terra — enquanto aparentemente perdemos a capacidade de conversar civilizadamente com a pessoa sentada ao nosso lado no ônibus ou, infelizmente às vezes, em nossas próprias mesas de jantar.

Isso me leva ao que realmente quero falar hoje: **o desafio da evolução maçônica.**

E uma pergunta em particular: **Como nos adaptamos sem alterar o que deveríamos ser?**

Ou, para dizer de outra forma: **Como ousamos ser maçons no século XXI?**

Como podemos mudar o suficiente para sobreviver no século XXI sem mudar tanto que o que sobre não seja mais a Maçonaria?

Bem, acredito que o mundo moderno precisa desesperadamente do que a Maçonaria foi especificamente criada para oferecer há três séculos, quando se formou em Londres.

Não apenas caridade ou ritual.

Não apenas amizade.

E certamente não é uma reunião de negócios.

Mas o mundo precisa de lugares onde os homens possam aprender a viver juntos novamente.

E essa pode ser a missão mais importante para a Maçonaria em nossas vidas.

Então, como a Maçonaria ousa existir no mundo moderno desta década?

O mundo exterior rejeitou muito do que abraçamos como maçons.

Para eles, somos uma organização decadente de 300 anos com costumes antigos.

Nosso ritual usa alegorias do Antigo Testamento da Bíblia, tornando nossa lenda de Hiram meio que como ficção do Antigo Testamento ou *cosplay bíblico*.

O mais condenatório de tudo, somos exclusivamente para homens.

Então, como ousamos ser maçons em 2026?

Eu diria que DEVEMOS ousar ser maçons.

Somos MAIS necessários agora do que em qualquer outro momento do último século.

A maçonaria não é um grupo de homens tóxicos – é o contrário.

Ensinamos os homens a controlar suas paixões, a reviver um conceito anterior de cavalheiro — honra, bons costumes, ética, dever para com os outros e comunidade.

Essas virtudes não são tóxicas. São marcas de autocontrole, que é o que queremos dizer quando dizemos que o compasso da Maçonaria nos mantém *"dentro dos devidos limites com toda a humanidade, mas especialmente com um Irmão Maçom."*

Em outras palavras, construímos Templos de potencial humano uns nos outros.

Esses valores costumavam ser transmitidos em famílias, igrejas, escolas, empregos e serviço militar.

Mas, à medida que essas instituições enfraqueceram em todo o mundo, bem como o aumento dos lares sem pai e o cinismo piorando, essa corrente foi quebrada.

E é por isso que devemos ousar ser maçons.

Somos constantemente informados de que os jovens de hoje são a geração mais conectada da história da humanidade, e tecnicamente, isso é verdade.

Eles carregam quase todo o conhecimento acumulado sobre a humanidade nos bolsos.

Eles podem se comunicar instantaneamente com alguém do outro lado do planeta.

Eles podem contar a vinte mil estranhos o que comeram no café da manhã antes do café esfriar.

E ainda assim, muitos deles se sentem terrivelmente solitários.

Isso não é simplesmente um problema americano ou ocidental, é um problema em todo o mundo.

Pesquisadores brasileiros documentaram isso também.

Um estudo recente do Instituto Brasileiro de Saúde com adolescentes entre 13 e 17 anos constatou que mais de 15% relataram se sentir extremamente solitários com frequência.

Em um mundo quase completamente interconectado eletronicamente, pesquisa após pesquisa mostra que as gerações mais jovens têm menos amigos de carne e osso do que em qualquer outro momento da história moderna.

E a falta de amizade está diretamente ligada à solidão, depressão, pensamentos suicidas e inúmeros outros problemas mentais e psicológicos.

Assim, após milhares de anos de civilização, satélites orbitando a Terra, inteligência artificial, smartphones, redes sociais e bilhões de dólares investidos em tecnologia de comunicação, a ciência finalmente fez uma descoberta surpreendente:

Os seres humanos precisam estar perto de outros seres humanos.

Nós, maçons, já sabemos disso.

Tudo o que precisavam fazer era perguntar para nós.

Meu irmão maçônico Dave Hosler disse uma vez que o maior milagre atribuído a Jesus Cristo foi que, aos 33 anos, ele ainda tinha doze bons amigos.

Ou pelo menos onze.

Muitos homens hoje se preocupam se seus poucos amigos podem ser confiáveis em uma crise — especialmente aqueles sem uma família de suporte.

Mas os maçons oferecem algo melhor.

Irmãos não são apenas amigos.

Irmãos vivem por um código.

Por isso, o que assumimos no altar não é apenas um juramento ou promessa — é uma *obrigação*.

Uma obrigação que nos une ao dever e à integridade, mesmo perante estranhos do outro lado do mundo.

Isso faz parte da genialidade da nossa fraternidade.

Ninguém fala de honra, responsabilidade e compromisso hoje em dia, mas nós falamos. ***Nós falamos.***

Irmãos, nossa fraternidade possui algo que está se tornando cada vez mais raro atualmente.

Nós exigimos presença física.

Pedimos a um homem para sair de casa, guardar o telefone e entrar em um recinto com outros homens.

Para olhar nos olhos deles, ouvi-los, compartilhar uma refeição com eles.

Para aprender com homens mais velhos, ensinar homens mais jovens.

Para estar ao lado de homens cujas ideologias políticas, religiões, profissões, idades, origens e opiniões podem ser completamente diferentes das nossas.

E então pedimos para ele chamar esses homens de **Irmãos**.

Isso é terrivelmente antiquado.

Que bom!

Ser antiquado é exatamente o que torna o que fazemos tão valioso.

Trezentos anos atrás, James Anderson descreveu a Maçonaria como um **Centro de União** — um meio de criar verdadeira amizade entre homens que, de outra forma, poderiam ter permanecido em perpétua distância.

Os maçons em Londres, em 1717, foram a primeira organização social na Inglaterra que permitiu que católicos, anglicanos, protestantes e judeus se unissem e socializassem juntos.

Naquela época, isso era sem precedentes.

As Revoluções Francesa e Americana recebem toda a atenção na maioria dos departamentos de história atualmente,

Mas 75 anos antes da formação da primeira Grande Loja na Inglaterra, começou a Guerra Civil Inglesa.

O rei Charles I foi decapitado em 1649.

Os ingleses ainda eram executados por causa de sua religião ou filiação partidária até apenas cinquenta anos antes do surgimento da Grande Loja.

Por isso os maçons adotaram as regras de não discutir religião e política em loja.

A loja era um lugar deliberadamente construído para que homens que discordam absolutamente possam continuar amigos.

Considere o quão radical essa ideia soa hoje — quase tão radical quanto soava em 1717.

O mundo gastou bilhões inventando novas redes sociais.

Talvez o que realmente precise seja de uma sala de loja à moda antiga.

Por isso devemos ousar ser maçons.

Esta não é a primeira vez que a Maçonaria desempenha essa função.

Eu administro um museu em minha cidade, então aqui vai minha pequena lição de história.

Nos séculos XVIII e XIX, as lojas eram escolas de cidadania.

No meu país, os Estados Unidos, isso se tornou especialmente importante após a independência.

Quando nossa Constituição foi adotada, nossa nova nação deu a todos os cidadãos comuns o poder de governar a si mesmos.

Havia apenas uma dificuldade — a maioria dos cidadãos comuns nunca havia feito isso antes.

De repente, esperava-se que elessem líderes, votassem, debatessem, participassem de comitês, administrassem dinheiro, aceitassem decisões da maioria e discordassem sem matarem uns aos outros.

(Francamente, duzentos e cinquenta anos depois, ainda estamos trabalhando nesse último.)

Assim que a Constituição foi adotada, Grandes Lojas visionárias ao longo da cosmopolita Costa Leste começaram deliberadamente a emitir cartas constitutivas para lojas nas regiões mais ao oeste, a fim de educar e unir a população em rápido crescimento.

A maçonaria ensinaria os homens a governar suas lojas como pequenas democracias, votar, debater, se preocupar com o próximo, eleger líderes, servir como oficiais e fortalecer suas próprias crenças religiosas enquanto estudavam os princípios do Iluminismo.

As lojas maçônicas ensinaram os colonos a deixar de lado suas diferenças, se darem bem entre si e trabalharem juntos para construir a América do zero, em um tempo notavelmente curto.

Nossas primeiras lojas eram **laboratórios de construção cívica**.

Como maçons especulativos, construímos homens melhores, que, por sua vez, construíram uma nação melhor.

E é por isso que temos que ousar ser maçons hoje.

O Brasil tem sua própria versão poderosa dessa história.

Preciso ser cuidadoso agora.

Nós, maçons, às vezes temos o hábito infeliz de acreditar que toda pessoa importante da história era secretamente maçom.

Nos dê tempo suficiente e suspeito que alguém vai descobrir as atas da loja da Última Ceia.

Historicidade séria exige mais cautela.

Mas seria impossível ficar aqui em Belo Horizonte sem pensar em Minas Gerais e na **Inconfidência Mineira de 1789**.

Não há dúvida de que Minas Gerais se tornou uma arena importante para ideias iluministas discutidas pelos maçons — liberdade, pensamento republicano, educação, responsabilidade cívica e questões fundamentais sobre governo legítimo.

E uma geração depois, a conexão entre a Maçonaria brasileira organizada e a vida política nacional torna-se inconfundível.

Em 1822, poucos meses antes da independência brasileira, foi estabelecido o **Grande Oriente Brasileiro**.

Seu primeiro Grão-Mestre foi **José Bonifácio de Andrada e Silva**, o Patriarca da Independência.

Joaquim Gonçalves, Ledo e outros maçons participaram diretamente das discussões políticas em torno da independência.

O próprio Dom Pedro ingressou na fraternidade e tornou-se Grão-Mestre.

Mais tarde, em 1889, o Brasil passou por outra enorme transformação e tornou-se uma república.

O homem que proclamou essa República, **o Marechal Deodoro da Fonseca**, logo depois tornou-se Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil.

Repetidas vezes, a Maçonaria colocou homens comuns em um ambiente onde ideias sobre liberdade, dever, cidadania, educação, governo constitucional e identidade nacional podiam ser discutidas entre iguais.

A Maçonaria foi criada para colocar todos os homens no mesmo nível, independentemente de nossas diferenças, para nos humanizar, unir como Irmãos e trabalhar juntos.

A loja era um laboratório de democracia. Ainda é.

O que me leva ao problema da evolução.

Maçons nem sempre são bons em mudanças.

Às vezes, recusamos mudar algo por um motivo muito convincente.

Por causa do grande Landmark não escrito da Maçonaria.

Sempre fizemos assim.

Por outro lado, às vezes corremos para mudar algo simplesmente porque é novidade.

Nenhuma das abordagens faz muito sentido para nós.

Uma instituição saudável faz perguntas diferentes:

O que é essencial?

O que pode mudar?

E o que nunca deve mudar?

Precisamos modernizar nossa administração? Com certeza.

Se um homem de 25 anos demonstrar interesse em entrar na sua loja e você o obriga-lo a imprimir um formulário, encontrar um envelope, comprar um selo postal, enviar para um secretário, para então esperar seis semanas e então esse secretário vai ligar para um homem que prefere que você desligue e mande uma mensagem para ele...

Isso **não** é tradição maçônica antiga.

Isso é má administração. **Mude isso.**

Se o site da sua loja foi atualizado quando o Brasil venceu a Copa do Mundo pela última vez — mude-o.

Se sua Grande Loja se comunica com jovens como se a máquina de fax representasse uma tecnologia experimental perigosa — mude-a.

Não há nada sagrado no incômodo.

Já toda mudança moderna que fizemos na estrutura essencial dessa fraternidade corre o risco de colocar tudo a perder.

Até o século passado, a maioria das grandes lojas americanas se recusava a registrar ou imprimir seu ritual.

Possuir até mesmo um simples ritual cifrado podia te levar à suspensão ou expulsão.

Nem mesmo uma cópia mestra era guardada em seus cofres só para resolver discussões sobre a redação exata.

Não exatamente porque era "segredo", mas porque os antigos líderes sabiam que, se você pudesse aprender sozinho com um livro em vez de um mentor, aprenderia.

Você simplesmente levaria o ritual para o banheiro toda manhã e o folhearia por 10 ou 15 minutos, porque fazer o esforço de realmente encontrar um mentor algumas vezes durante a semana é um esforço que consome tempo.

Meu próprio mentor, que foi designado para mim quando entrei, decidiu que era muito trabalho me encontrar, então ele me disse para ir para a internet porque eu poderia encontrar o ritual lá.

A Grande Loja da Pensilvânia foi a última grande loja dos EUA a se recusar a imprimir qualquer ritual escrito de qualquer tipo.

Eles finalmente cederam e publicaram seu ritual há alguns anos porque os membros exigiam.

Os rituais da Pensilvânia são completamente diferentes dos de qualquer outro Estado nos EUA e, para se tornar Venerável Mestre de uma loja lá, você precisa memorizar horas de rituais.

Tudo era ensinado da boca do Mentor até o ouvido do aspirante a Venerável Mestre, e geralmente levava anos para ser realizado.

A relação entre Aprendiz e Mentor foi deliberadamente criada para gerar um vínculo entre dois Maçons que durasse a vida toda.

As discussões *entre* as aulas eram a parte mais importante.

Falando sobre o significado das palavras, junto com discussões do dia a dia sobre a vida, suas famílias, empregos e o Significado da Vida, do Universo e de Tudo.

O mentor era amigo, irmão, conselheiro, confessor e homem sábio.

Tudo isso se perde quando os maçons aprendem sozinhos, só porque imprimimos nossos livros de rituais e permitimos que os maçons aprendam isolados e sozinhos, na privacidade dos nossos banheiros.

Em uma questão relacionada, o Brasil, assim como os Estados Unidos e muitos outros países, passou por mudanças profundas na estrutura familiar.

Por favor, entendam: não estou tentando criticar a forma como ninguém nesta sala foi criado, então, por favor, não pense que estou insultando seus pais ou sua família.

Mas a verdade é que cerca de onze milhões e meio de lares aqui são chefiadas por mães que vivem sem cônjuge.

Milhões de crianças brasileiras agora são criadas em lares monoparentais, esmagadoramente liderados por mães sozinhas.

Isso significa que cada vez mais meninos e jovens crescem em um lar sem pai, ou qualquer outra figura masculina madura com quem aprender, e sem irmãos para ajudá-los a desenvolver suas habilidades sociais.

Pais e avôs tradicionalmente transmitiam responsabilidade, habilidades práticas, confiança e exemplos de masculinidade adulta.

Eles também transmitiam tradições como o Escotismo e a Maçonaria, e essa corrente está sendo quebrada.

Essas questões não se limitam apenas ao Brasil ou aos Estados Unidos — estão acontecendo em todo o mundo ocidental e nos afetam como maçons em quase todos os países do planeta.

Como resultado, os mentores ou padrinhos precisam fazer um retorno poderoso à Maçonaria devido ao enorme aumento desses meninos órfãos e sem irmãos chegando à idade adulta e batendo às nossas portas agora.

E é por isso que temos que ousar ser maçons.

Todos nós precisamos reconhecer nossos papéis como mentores, padrinhos, e dar os melhores exemplos, tanto dentro quanto fora dos templos.

Se as Grandes Lojas realmente querem ensinar algo aos seus membros, as habilidades de mentoria precisam estar no topo da lista.

Homens entram nessa fraternidade por vários motivos, mas nunca conheci nenhum maçom em lugar algum que quisesse entrar em um clube de memorização ou se tornar oficial de loja.

E ninguém entra na Maçonaria porque sonha desde criança em ouvir a conta de luz lida em voz alta.

Eles se uniram pelo conhecimento, história, simbolismo, amizades e a chance de encontrar o que milhões de homens encontraram na loja há três séculos.

Hoje podemos colocar tudo online: palestras, vídeos instrutivos, instruções ritualísticas, programas educacionais, arquivos históricos.

E essas ferramentas podem ser extremamente úteis.

Mas nunca devemos nos tornar tão eficientes a ponto de eliminar a relação humana que estamos tentando criar.

Um jovem solitário não precisa de outro aplicativo maçônico no celular quando entra em uma loja.

Ele precisa de um Maçom.

Alguém que percebe quando ele não aparece, que liga para ele, que pergunta como está o trabalho dele.

Alguém que lembra o nome da esposa ou namorada.

Que o apresenta aos mais velhos em vez de deixá-lo sozinho em um canto.

Que eventualmente confia nele uma responsabilidade, olha nos olhos dele e diz:

Irmão, precisamos de você aqui.

A maçonaria não acontece na sessão. Acontece antes e depois dela.

Durante a concessão de graus, durante o jantar, na educação maçônica.

Durante ensaios, viagens, conversas e durante aqueles momentos inesperados em que um Irmão descobre que precisa de outro.

Nossos edifícios deveriam estar vivos.

Então abra-os e use-os.

Alimente as pessoas, faça palestras, crie bibliotecas.

Convide estudiosos, ensine história, discuta filosofia e simbolismo.

O mais importante, dê aos novos membros alguma responsabilidade, atribuindo-lhes trabalhos reais que beneficiem a loja.

Deixe os membros mais velhos abrirem o edifício mais cedo, preparem uma grande garrafa de café e socializem lá.

Deixe gerações que de outra forma quase não têm contato se tornarem amigas.

O mais importante, faça da sua loja um lugar para o qual você mal pode esperar para voltar na próxima semana.

Passei 25 anos como cineasta fazendo comerciais publicitários, e sei de uma coisa muito importante:

Os maçons não conseguem resolver uma experiência ruim em loja com publicidade.

Os jovens passaram a vida inteira sendo alvo de estratégias de marketing.

Eles conseguem detectar publicidade e marketing cínico antes mesmo de terminarmos a primeira frase.

O que os impressiona é a autenticidade.

Se dissermos a eles que a Maçonaria oferece Irmandade, é melhor que haja Irmandade esperando do lado de dentro.

Se dissermos que ela oferece conhecimento, precisamos ensinar algo.

Se dissermos que isso constrói caráter, é melhor agirmos como homens de caráter.

E se dissermos que isso é significativo — então, pelo amor de Deus, ***vamos fazer com que signifique algo.***

Tudo o que sei é que, entre estar atolado e estar enterrado, a única diferença é a profundidade.

A Maçonaria possui uma oportunidade que poucas outras instituições têm.

Nossas sociedades são polarizadas, e não apenas politicamente.

Mas por classe social, idade, religião, região geográfica, educação, cultura e, cada vez mais, por pontos de vista completamente diferentes da realidade.

A civilização não pode sobreviver se cada desacordo se tornar evidência do mal, ou se tornar uma justificativa para demonizar o próximo.

Uma sociedade livre exige algo muito mais difícil.

Exige pessoas capazes de dizer: ***Acredito que você esteja errado.***

Na verdade, acredito que você está MUITO errado.

Mas isso não faz de você meu inimigo.

(Até porque, talvez, eu esteja errado.)

A Maçonaria pratica esse tipo de disciplina há três séculos.

Restringimos argumentos religiosos e políticos na loja, não porque essas coisas não importem.

Fazemos isso porque a Fraternidade importa mais do que vencer todos os debates.

Insistimos que a loja seja **um terreno neutro.**

Talvez devêssemos reconhecer esse terreno neutro pelo que ele realmente é: um laboratório social para produzir civilidade e gerar confiança.

Um lugar para ensinar homens a discordar sem ódio.

Uma rede social inventada trezentos anos antes do nascimento de Mark Zuckerberg.

E a nossa tem uma grande diferença de design.

Nossa rede social exige que todos sejamos sociais.

O poder da loja vem justamente do fato de que **não** é outra organização política ou religiosa.

A Maçonaria não exige que todos os seus membros cheguem às mesmas conclusões.

Ela nos ensina algo mais difícil: como homens que quase não têm nada em comum, não pensam da mesma forma e vêm de todos os tipos de origens, ainda podem aproveitar a companhia um do outro e construir algo juntos.

O Esquadro não pergunta como você votou.

O Compasso não sabe seu partido político.

O Nível não se importa com seu status social.

Eles são ferramentas para construir.

Elas ensinam disciplina, proporção, moderação, igualdade.

Destruir é muito fácil.

Qualquer tolo pode quebrar alguma coisa.

Qualquer tolo pode destruir uma instituição.

Construir exige planejamento, paciência, cooperação e tempo.

Nos nos chamamos maçons porque somos construtores.

Talvez devêssemos lembrar ocasionalmente o significado do nome.

A alegoria central de toda variação de ritual maçônico que você encontra em qualquer lugar do mundo é a construção do Templo de Salomão.

O maçom está tentando construir um Templo em seu próprio coração:

Um santuário sagrado que seja *perfeito* o suficiente, *sagrado* o suficiente, *digno* o bastante para Deus habitar.

O rei Salomão não conseguiria construir um lugar tão magnífico sozinho.

Era necessário o trabalho de centenas de artífices, todos planejando, construindo, cortando, esculpindo, trabalhando juntos, por muitos, muitos anos.

Afinal, uma pedra bruta não alcança a perfeição sozinha.

Sozinha, é apenas um pedaço de pedra áspera, irregular e sem forma.

Mas, com o tempo, ela é cortada, desbastada, esculpida, polida e, eventualmente, tornada perfeita o suficiente para ser erguida, montada com as outras e se tornar uma parte importante do lugar mais sagrado da Terra, adequado o suficiente para Deus habitar.

Perguntei à minha esposa: "Quantos palestrantes realmente ótimos existem neste mundo?"

"Um a menos do que você pensa", disse ela. "Nunca perca uma boa oportunidade de calar a boca."

Então, vou concluir esta palestra.

Quando discutimos o futuro da nossa fraternidade, talvez devêssemos parar de perguntar:

"Como tornamos a Maçonaria mais atraente para o mundo moderno?"

Talvez essa seja a *pergunta errada*.

Talvez devêssemos perguntar:

"O que o mundo moderno não oferece mais que a Maçonaria ainda oferece?"

Amizade de verdade, instrução, relacionamentos intergeracionais.

Seriedade moral, o conforto do ritual.

Silêncio, reflexão, responsabilidade.

Um senso de pertencimento, uma conexão com a história.

Um lugar onde o desacordo não destrói automaticamente a amizade.

Uma comunidade que realmente pede algo de você, em vez de apenas tentar vender algo para você.

Não precisamos mudar os segredos do nosso ritual para atrair uma geração solitária.

Precisamos oferecer a eles o único segredo que o mundo moderno esqueceu:

Conexão humana verdadeira.

Dois séculos atrás, os maçons brasileiros viveram transformações nacionais extraordinárias.

Eles não herdaram uma sociedade terminada.

Eles ajudaram a construir uma.

Já passou da hora de resgatar a posição lendária de liderança e exemplo que os maçons costumavam ocupar na sociedade.

Nosso desafio hoje é diferente dos Irmãos que vieram antes de nós.

Nossas constituições, instituições e nações já existem.

Eles fizeram a parte difícil.

Mas os laços humanos que mantêm a sociedade unida estão sob enorme pressão.

Então, nossa tarefa agora é ajudar nossos semelhantes a lembrar como viver em sociedade.

Nossas antigas lojas eram laboratórios para construção cívica.

Que nossas lojas hoje se tornem laboratórios de cura cívica.

Onde estranhos se tornam Irmãos.

E onde esses Irmãos deixam a loja determinados a levar o que aprenderam ali para o mundo.

Se conseguirmos isso, a Maçonaria não apenas sobreviverá ao século XXI.

O século XXI pode finalmente descobrir o quanto precisa da Maçonaria.

E é por isso, meus queridos irmãos, que devemos continuar a ousar ser maçons.

Muito obrigado, meus Irmãos!